

O Mundial de Futebol visto de Gaza

Extractos de um artigo publicado na revista "+972" por **Ibtisam Mahdi, uma jornalista independente de Gaza, especializada em reportagens sobre questões sociais, nomeadamente as que dizem respeito às mulheres e às crianças. Trabalha também com organizações feministas em Gaza nas áreas do jornalismo e da comunicação. (o artigo completo pode ser lido em www.esquerda.net)**

GOLPE DE VISTA



Em Gaza, o Campeonato do Mundo da FIFA sempre foi muito mais do que um mero evento desportivo passageiro. Os palestinianos dir-lhe-ão que é uma ocasião pela qual anseiam ansiosamente a cada quatro anos, proporcionando momentos raros de alegria e um alívio temporário das dificuldades de uma vida marcada pelos bombardeamentos e pelo cerco israelitas. À medida que a atual edição do torneio se aproxima da sua fase final, torna-se claro que nem mesmo três anos de genocídio conseguiram extinguir a paixão dos habitantes de Gaza pelo futebol.

Apesar da destruição generalizada de casas e bairros, da escassez de eletricidade e da ligação à Internet instável, os palestinianos na Faixa de Gaza têm-se esforçado por encontrar locais onde se possam reunir em torno de um ecrã para acompanhar a ação e até sonhar um pouco — não importando que a sua própria seleção nacional não se tenha qualificado.

Um desses adeptos é ele próprio um jogador de futebol. Abdallah Shaqfa, um homem de 35 anos deslocado da cidade de Rafah, no sul, que foi destruída, vive numa tenda na zona de Al-Mawasi, em Khan Younis. Guarda-redes do Shabab Rafah, não tem conseguido jogar desde que a guerra começou, em outubro de 2023, altura em que todas as atividades desportivas organizadas foram abruptamente interrompidas.

Tal como a maioria da população de Gaza, já não tem uma casa onde se possa sentar com a família para ver os jogos do Mundial na televisão, como fazia nos anos anteriores. Agora, assiste a trechos de cada jogo no telemóvel sempre que há ligação à Internet, agarrando-se a momentos fugazes que o reconectam à vida que outrora teve.

"O futebol é mais do que apenas um jogo para nós", afirma. "É um espaço onde podemos respirar e, mesmo que apenas por alguns momentos, esquecer tudo o que estamos a viver. Gaza pode perder os seus estádios e as suas casas, mas ninguém pode tirar às

peçoas a paixão pelo desporto."

Shaqfa, que anteriormente representou a seleção palestiniana e competiu na Taça Árabe de 2021 no Catar, recebeu mais tarde a proposta de assinar pelo Markaz Shabab Balata, na Cisjordânia ocupada; afirma que a guerra lhe roubou não só essa oportunidade de progredir na carreira, mas também qualquer aparência de uma vida normal.

"Quando vejo as multidões a celebrar nos estádios e as pessoas em todo o mundo a desfrutar dos jogos, sinto que estamos completamente isolados do mundo", lamenta Shaqfa. "Eles comemoram os golos, enquanto nós contamos os mártires e esperamos passar a noite em segurança".

"Os meus sonhos de jogar futebol profissional e de continuar a minha carreira na seleção palestiniana foram destruídos pela guerra e pelo encerramento dos postos de passagem, apesar de ter sido nomeado para várias oportunidades desportivas fora da Faixa de Gaza", continua ele. "Continuo a ser jogador do Shabab Rafah, mas a paixão que outrora me enchia antes da guerra já não é a mesma."

As perdas de Shaqfa estenderam-se muito além da sua carreira no futebol. A 21 de junho do ano passado, a sua esposa foi morta por estilhaços de um ataque aéreo israelita a uma tenda próxima, enquanto visitava a família, deixando Shaqfa a criar as duas filhas sozinhas.

"Depois de a minha esposa ter sido morta, tentei ser pai e mãe ao mesmo tempo", diz ele. "Todos os dias, penso em como proporcionar comida e água às minhas filhas e em como protegê-las da dura realidade

de nos rodeia. Estas responsabilidades fizeram com que os treinos fossem a última coisa em que pensasse, apesar de o futebol ter sido outrora toda a minha vida"

"Quando as pessoas terminam de ver um jogo, vão para casa para comemorar ou debater o resultado", acrescenta ele com um suspiro. "Guardamos os nossos telemóveis e regressamos a uma realidade repleta de medo. Parece que vivemos num mundo, enquanto o resto do mundo vive noutro."

(...) Uma carreira interrompida Mohammed Barakat, outrora uma estrela em ascensão na seleção palestiniana de futebol de praia, viu a sua carreira interrompida — não pela idade ou por lesão, mas por um ataque aéreo israelita que o matou a 11 de março de 2024, na cidade de Khan Younis.

Conhecido entre os adeptos de futebol em Gaza como "O Leão", Barakat era um dos jogadores mais talentosos da Palestina. Fez parte das primeiras seleções nacionais palestinianas de futebol e de futebol de praia e deixou a sua marca no Shabab Khan Younis, tornando-se o primeiro jogador de Gaza a marcar 100 golos por um único clube. Ao longo da sua carreira, jogou também pelo Al-Sadaqa Club, pelo Itihad Khan Younis, pelo Al-Ahli Club e pelo Khadamat Al-Shati Club. (...)

Barakat está longe de ser a única perda sofrida pela comuni-

dade futebolística de Gaza em resultado do ataque israelita. Mustafa Siyam, secretário-geral da Associação Palestiniana de Comunicação Social Desportiva, afirma que os recintos desportivos e os jogadores têm sido alvos deliberados.

"As forças israelitas mataram 1.015 atletas palestinianos, incluindo 560 jogadores de futebol e treinadores", explica. "Entre eles estão Hani Al-Masdar, treinador principal da equipa olímpica palestiniana; Mohammed Barakat, antigo membro da seleção nacional palestiniana de futebol; Shadi Abu Al-Araj, guarda-redes da seleção nacional palestiniana de futebol de praia; e Mohammad Khalifa, membro da seleção nacional juvenil palestiniana." O mesmo destino atingiu "muitos outros jogadores, jovens talentos e crianças que treinavam em academias desportivas".

De acordo com o Comité Olímpico da Palestina (POC) e a Federação Palestiniana de Futebol (PFA), Israel destruiu quase 90% das cerca de 265 infraestruturas desportivas de Gaza, incluindo estádios, clubes e sedes administrativas, algumas das quais servem agora de abrigos improvisados para famílias deslocadas. A maioria dos clubes e academias desportivas também foi destruída, tal como as sedes do Conselho Superior da Juventude e do Desporto, do POC e da PFA, que estão protegidas pelo direito internacional e pelos regulamentos que regem o Comité Olímpico Internacional e a FIFA. (...)

"Uma forma diferente de resistência"

A 30 de junho do ano passado, Kifah Al-Fakhouri, uma adepta de futebol de 30 anos, estava sentada com amigos no Al-Baqa Café, na cidade de Gaza, a tentar desfrutar de alguns momentos de alegria no meio da guerra. Momentos depois, um míssil israelita atingiu o café à beira-mar e matou quatro dos seus amigos. Ela sobreviveu, mas teve de ser submetida a uma amputação da perna.

Apesar da sua perda pessoal e da dor pela morte dos seus amigos, Al-Fakhouri encontrou forças para se juntar a uma equipa feminina de futebol para amputadas. No campo, encontrou um lugar onde pôde recuperar uma parte de si mesma e lutar contra a sensação de impotência que a guerra lhe impôs.

NÚCLEO DE VISEU DA OLHO VIVO - ASSOCIAÇÃO PARA A DEFESA DO PATRIMÓNIO, AMBIENTE E DIREITOS HUMANOS

email: olhovivo.viseu@gmail.com

telemóvel: 912522690

Facebook: Associação Olho Vivo - núcleo de Viseu



Por: Luis Mouga Lopes

A importância dos pastores no interior de Portugal, nomeadamente na Beira Alta, deve ser analisada para além da imagem tradicional da pastorícia. Em muitas regiões de baixa densidade, como a nossa, envelhecidas, pobres e expostas ao risco de incêndio, o pastor não é apenas um agente agrícola: é também um gestor do território, um prestador de serviços ambientais e um fator de resistência económica e social. Do ponto de vista económico, estes problemas devem ser formulados da seguinte forma: quanto tem custado ao país abandonar o território? Quando uma zona rural perde população, perde também a vigilância, a atividade produtiva, o conhecimento local, a manutenção dos caminhos, o uso agrícola do solo e a gestão regular da vegetação. Este abandono aumenta a acumulação de matos, silvas, ervas secas e de biomassa combustível. Em contexto de verão quente, seco e ventoso, esta biomassa torna-se um risco económico, ambiental e humano, sendo a regra económica simples: sempre que o custo esperado de um incêndio for superior ao custo de preveni-lo, a prevenção deve ser tratada como investimento público, e não como despesa, pois o custo esperado resulta da multiplicação da probabilidade de ocorrer um incêndio pelo valor potencial dos prejuízos: perda de casas, explorações agrícolas, floresta, infraestruturas, biodiversidade, vidas humanas, receitas turísticas e despesa pública com combate e reconstrução. A OCDE estima que os

SOCIEDADE

TECNOLOGIA 5G REFORÇA RESPOSTA INTEGRADA A PESSOAS IDOSAS E DOENTES CRÓNICOS DA REGIÃO

A Comunidade Intermunicipal (CIM) Viseu Dão Lafões, em parceria com a Unidade Local de Saúde (ULS) e o Centro Distrital do Instituto da Segurança Social (ISS), apresentou em Viseu, o projeto de "Telemonitorização de Pessoas Idosas e Doentes Crónicos com recurso ao 5G". Uma iniciativa inovadora, aprovada com um financiamento de 148 mil euros, que reforça a articulação entre saúde e ação social no território. A sessão culminou com a assinatura de um protocolo de cooperação entre as três entidades,

A importância dos pastores

incêndios em Portugal tenham um custo anual associado entre 60 e 140 milhões de euros, e que os incêndios de junho e outubro de 2017 tenham custado quase 1,5 mil milhões de euros. É neste quadro que os pastores têm um valor económico mensurável. Vejamos: os rebanhos reduzem a carga de combustível por meio do pastoreio regular; cabras, ovelhas e outros animais consomem vegetação rasteira e contribuem para criar descontinuidades no coberto vegetal. Isto não elimina o risco de ignição, mas pode reduzir a velocidade de propagação, a intensidade das chamas e a continuidade do combustível, podendo o pastoreio e a prevenção de incêndios alterar o comportamento do fogo, abrandando a sua progressão, reduzindo o comprimento da chama e diminuindo a intensidade do incêndio. Em Portugal continental, cerca de 30,6% do território foi classificado nas categorias de perigosidade rural de incêndio alta e muito alta, segundo estatísticas do INE divulgadas em 2026. Esta percentagem mostra que o problema não é marginal. É estrutural. Numa parte relevante do país, sobretudo no interior e em áreas montanhosas, a gestão do combustível vegetal deve ser permanente. Ora, esta gestão não pode depender apenas de máquinas, de sapadores ou de intervenções pontuais. O interior precisa de uma atividade económica regular, de presença humana e de conhecimento local. É aqui que a pastorícia extensiva ganha relevância, pois o pastor conhece o terreno, os acessos, as fontes de água, os caminhos antigos, as zonas de sombra, os vales, os cabeços e os sítios onde o mato cresce mais depressa. Quando desaparecem atividades como a pastorícia, desaparecem também os rendimentos, as famílias, os serviços, as pequenas compras locais, a circulação económica e as razões para permanecer no território, pois o pastor vende leite, carne,

queijo ou animais, mas também proporciona outros benefícios: ajuda a conservar paisagens, mantém caminhos, preserva raças autóctones e sustenta economias locais. Deixo nota ao executivo "socialista": como o mercado não remunera adequadamente estes benefícios, há justificação económica para aplicar políticas públicas de apoio, como pagamentos por serviços de ecossistema, contratos municipais de pastoreio dirigido, comparticipação de água e abrigos, apoio veterinário, valorização dos produtos locais, seguros adequados, simplificação administrativa e integração dos pastores nos planos municipais e intermunicipais de defesa contra incêndios, o exemplo de Viseu Dão Lafões mostra precisamente a relevância de combinar fogo controlado, pastoreio planeado e gestão estratégica de combustíveis para aumentar a resiliência da paisagem. O interior não precisa apenas de combate a incêndios; precisa de gente que viva, trabalhe e cuide da terra antes que o fogo comece. A questão financeira deve ser apresentada com clareza: é mais barato prevenir do que combater, pois, ano após ano, Portugal gasta recursos públicos significativos em bombeiros, meios aéreos, combustíveis, logística, proteção civil, indemnizações, recuperação de infraestruturas, reflorestação e apoio às populações afetadas: a OCDE estima que os incêndios rurais em Portugal tenham um custo anual entre 60 e 140 milhões de euros; em 2017, os incêndios de junho e de outubro custaram quase 1,5 mil milhões de euros. Estes valores mostram que o fogo não é apenas uma tragédia ambiental e humana: é também uma enorme perda económica e social. A conclusão é objetiva: onde há abandono, pobreza, envelhecimento e risco de incêndio, os pastores e agricultores fazem parte da solução, representando uma infraestrutura humana de prevenção, vigilância e gestão territorial.

ma, especialmente em territórios de baixa densidade.

No âmbito do projeto, foram implementados mecanismos de assistência e telemonitorização dirigidos a pessoas idosas e doentes crónicos, com recurso à utilização e distribuição de equipamentos digitais de medição de sinais vitais, como smartwatches, pulseiras anti-queda, monitorizadores de glicose, medidores de tensão arterial e de frequência cardíaca, entre outros. Estes dispositivos permitem a recolha contínua de dados de saúde, assegurando a moni-

torização remota dos utentes pelas equipas clínicas da ULS e pelas instituições sociais envolvidas no projeto. Os resultados obtidos durante a fase piloto do projeto confirmam o impacto positivo desta solução no acompanhamento clínico remoto. Desde fevereiro deste ano, o sistema permitiu acompanhar 63 utentes, dos quais 58 permanecem atualmente em monitorização ativa, numa intervenção desenvolvida em colaboração com a equipa de Nefrologia da Unidade Local de Saúde Viseu Dão Lafões.